

E★MI

CULTURA

HEAVY METAL
EM BOA FORMA

David Coverdale, que esteve em BH em 2008, voltará à cidade com o seu Whitesnake no dia 13, no Chevrolet Hall.

PÁGINA 4

ARBEN CELI/REUTERS - 3/7/08

Músico de fé

AILTON MAGIOLI

Juiz de Fora – Doido para voltar a pegar o violão, cheio de ideias na cabeça, coração renovado e sentimento transformado pela solidariedade dos amigos e a dedicação dos filhos, Hélio Delmiro, de 64 anos, não tem mais dúvidas de que tudo na vida é passageiro. “Estive no limiar”, conta o violonista e compositor carioca.

Vítima de uma isquemia transitória, o músico – que já sofre de hipertensão e diabetes – fugiu de uma cirurgia de risco por mais de dois anos, vivendo na roleta-russa até ser submetido a uma angioplastia, em Juiz de Fora. Recém-saído da internação de mais de 30 dias, ele descansa na casa da filha Luciana, no Bairro de São Mateus, na cidade da Zona da Mata mineira.

“Como não tenho tempo a perder e preciso de estudar, a opção recaiu sobre a angioplastia, da qual posso me recuperar mais rapidamente”, diz Hélio Delmiro, cujo disco mais recente – *Compassos*, de 2004 – deverá ganhar continuidade em breve. “Tenho repertório inédito para gravar pelo menos quatro CDs”, anuncia o violonista, considerado por muitos músicos o “número um” do instrumento no Brasil.

Pastor evangélico, com o *Livro de Isaías* nas mãos, Hélio recorre ao capítulo 53, que fala de sofrimento e aflição, para evocar o momento vivido por ele nos últimos tempos. “Como pastor, pedi doações para a igreja e tive a honra de ser atendido. Agora, chegou a minha hora”, reconhece o músico ao falar da ajuda financeira que está recebendo de amigos para sobreviver. “Não tenho perspectiva do que fazer daqui para a frente. Já que recebo ajuda voluntariamente, aceito. É bem-vindo, eu preciso realmente”, revela, orgulhoso por ser um “homem de Deus”.

“A humildade precede a honra. Tenho certeza de que Deus tem me louvado”, acrescenta Hélio Delmiro, que, ao ler os versículos 4 e 5 do *Livro de Isaías*, acaba recordando da prisão pela falta de pagamento de pensão alimentícia aos filhos, ocorrida em 1º de junho de 2004, em Santos (SP). O episódio, como revela, irá render um livro que pretende escrever. Na cela comum, que comportava 80 detentos, viviam 160. Além de uma rebelião com morte, o violonista assistiu a uma tentativa de fuga e greve de fome, depois de uma revista violentíssima. “Deus me usou muito naquele lugar”, acredita. “Antes de ser preso, veio a profecia: ‘Eis que te enviarei a um lugar pequeno e farei um rebuliço’”, diz, recorrendo mais uma vez aos ensinamentos bíblicos.

Depois da passagem por dois hospitais de Juiz de Fora (HPS e Santa Casa de Misericórdia), o músico anuncia que “o coração está fluindo com mais forças”. O estado de saúde de Hélio Delmiro começou a se complicar em 2009, depois de um check up realizado em Volta Redonda (RJ). “O médico marcou a cirurgia para 48 horas depois, mas eu corri”, confessa Delmiro, cuja família tem histórico de risco cardíológico.

Sem fumar há mais de 20 anos, da birita, como diz, só restou “um vinhozinho, mas nada de vício”. Pai de seis filhos de casamentos



Com forte ligação com a religião e assumindo a condição de pastor, Hélio Delmiro não grava há sete anos e há dois não se apresenta ao vivo: “Não tenho perspectiva do que fazer daqui para a frente”

SAIBA MAIS

ENTRE OS GRANDES

No país do violão, Hélio Delmiro se tornou um dos mais importantes músicos do instrumento, com reconhecimento que foi além de nossas fronteiras. Autodidata, ele exercitou seu estilo elegante e sofisticado indo da MPB anterior à bossa nova ao jazz contemporâneo. Na juventude, nos anos 1960, participou de grupos com Márcio Montarroyos e Luizão, animando bailes e ensaiando aproximação com jazz, tocando com Victor Assis Brasil. Acompanhou Elizete Cardoso, Marlene, Elza Soares, Miltoninho, Dóris Monteiro, Clara Nunes e João Nogueira.

Sua ligação com Elis Regina o levou a Tom Jobim e ao primeiro time da música internacional e do jazz, como Michel Legrand, Paul Horn, Jeremy Steig e Dave Grusin. Lalo Schiffrin chegou a considerar Hélio Delmiro o maior guitarrista da América do Sul. Seu trabalho também recebeu elogios de Larry Coryell e Leonard Feather, entre outros. O encontro com o violonista Guinga, em 1996, foi considerado o melhor espetáculo instrumental do ano. Seu mais recente disco, *Compassos*, de 2004, mescla temas autorais e standards.

diferentes, que vivem entre Rio, Juiz de Fora e Brasília, Hélio Delmiro considera-se um pastor itinerante, por não estar ligado a nenhuma igreja. “A Deus não se engana. Tocar é a minha profissão,

preparar é meu sacerdócio. E cada qual no seu lugar. Trabalhar não é pecado”, afirma. O músico se converteu pastor da Igreja Universal do Reino de Deus em 1986, onde fundou a gravadora gospel Line

Records, da qual acabou se afastando. “Fiz para Deus, não tenho nada a reclamar. O que a gravadora rende é para comprar tijolo e fazer igreja, além da sopa dos necessitados”, defende.

Hélio Delmiro, um dos mais importantes violonistas brasileiros, recupera-se de problemas de saúde em Juiz de Fora. Ele se considera preterido no Brasil: “Alguma coisa está errada”

TÚLIO SANTOS/EM/D. A. PRESS

DISCOGRAFIA

- *Compassos*, 2004
- *Violão urbano*, 2002
- *Symbiosis*, 1999
- *Romã*, 1991
- *Chama*, 1984
- *Samambaia*, 1981, com César Camargo Mariano
- *Emotiva*, 1980

Longe dos palcos – o último concerto foi na Itália, há dois anos –, Hélio Delmiro diz que o mercado para a música instrumental existe. “Estou sendo preterido”, desconfessa, admitindo que mesmo sendo o maior violonista brasileiro (como faz questão de frisar), há mais de três décadas não vive à altura do posto. “Alguma coisa está errada, estou tocando ‘pra cacete’”, propaga a música, cuja última incursão em estúdio foi um take de *Beijo partido*, que dedicou ao autor e amigo de instrumento Toninho Horta. “O trabalho está meio escasso”, avalia o músico, que gosta de comparar-se ao americano George Benson – “Estamos lado a lado”, diz. Hélio Delmiro lembra já ter tocado com feras como Joe Pass e Larry Coryell, além de Pat Metheny e Mike Stern. “Mike, quando vem ao Brasil, sempre me procura informalmente para tocar”, diz.

SAMAMBAIA

No dia 24 de novembro, o músico completa 50 anos de inscrição na Ordem dos Músicos do Brasil (OMB-RJ). “Como na época era menor de idade, tive de tirar a carteira provisória, substituída pela oficial quando completei 18 anos”, conta. “Comecei com o cavaquinho de uma corda, em que tocava *Aquarela do Brasil*, aos 6 anos”, recorda. Com o interesse crescente pela música, aos 12 ele chegou ao violão, por influência do irmão Carlos Delmiro. Os acordes dissonantes e as harmonias complicadas vieram pela bossa nova, na época em que era fã declarado dos boleros de Angela Maria e Dalva de Oliveira, que tocava nos bailes. “Foi assim até que me convenci da importância daquilo tudo e fui me desenvolvendo”, confessa o músico, que vê já naquela época uma espécie de profecia daquele que se tornaria o seu grande disco: *Samambaia*, gravado em duo com o pianista César Camargo Mariano.

De 1981, *Samambaia* é um divisor de águas para Hélio. “É um disco especial. Graças a ele participamos de quatro festivais de jazz da Espanha”, lembra o violonista, constantemente requisitado para dar autógrafos por causa do clássico, originalmente lançado em LP. Com sete álbuns gravados, tem predileção pelo recente *Compassos*. “É o mais completo no sentido da unidade: feita, qualidade do som e repertório original”, diz, atribuindo o acerto a Jorge Helder (baixo), Bruno Cardoso (teclado) e Jurim Moreira (bateria), responsáveis pela cozinha de luxo no acompanhamento, que ele classifica de “a própria carne assada com batata”.

JAZZ E MPB

Músico de poucos parceiros – Aldir Blanc e Paulo César Pinheiro são alguns dos eleitos –, Delmiro diz que, dependendo do tipo de canção, ele mesmo se arrisca a escrever as letras. “Mas a prioridade são as músicas para o meu instrumento”, avisa. Como acompanhante, além de Clara Nunes e Elis Regina, o violonista e guitarrista tocou com Sarah Vaughan. “Praticamente dividimos um disco juntos”, orgulha-se o instrumentista que gravou *I love Brazil*, de 1978, e *Copacabana*, do ano seguinte, com a cantora americana. A parceria tornou-se alvo de polêmica quando a gravadora se negou a publicar foto de Hélio e Sarah na capa de um dos álbuns.